

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Assentamento, desde 98, mas a ocupação se deu em 94.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, o PA, o projeto de assentamento (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A luta pela terra, por essa fazenda, com essa população, com esse povo que tá aqui, foi em 94.

ENTREVISTADORA: 94.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. A ocupação, o despejo...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O histórico você já tem, né? Anterior a isso.

ENTREVISTADORA: Eu peguei no site, do CEDEPS.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: CEDEPS.

ENTREVISTADORA: É, no site tem um...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ta vendo, vocês tem uma informação lá...

ENTREVISTADORA: Um breve histórico.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Em 1989, o Newton Cardoso era governador de Minas, e foi acertado, ele chegou a oferecer... Essa fazenda aqui são 1.949 hectares, era 1.942, com o georreferenciamento cresceu mais 7 hectares. Ele chegou na época, ele chegou... O pessoal fez uma mobilização na época, nós fizemos, né, aí ele chegou a oferecer 1.000 hectares da Fazenda, do Ministério, que era colocar no Ministério. Ele ofereceu 1.000 hectares da Fazenda. Só que quando chegou aqui em Valadares, aí tinha o ex-deputado federal, já falecido, (trecho incompreensível) Perini do PMDB, e o Bonifácio Mourão, deputado estadual, também do PMDB, aí eles foram contrários, entendeu? Aí fez aquela mobilização. O Lael Varela também, né, deputado federal, aí se juntaram com a fazendeirada aí, arrochou e ele fez o Newton Cardoso mudar de ideia, então...

ENTREVISTADORA: Então era para ter acontecido em 89 e não aconteceu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, também. Então isso foi um pedaço, não sei nem se o CEDEPS registrou isso na história, 1989, né, Brian? Em Belo Horizonte, ele é da direção estadual do MST...

BRIAN: Que na época era o acampamento da lajinha que vinha para cá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, isso, e tão acampado lá em Teófilo Otoni depois do despejo violento lá em...

BRIAN: Topázio.

ENTREVISTADORA: Estava em Teófilo Otoni, foram despejados de lá e vieram para cá?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tava em Novo Cruzeiro, junto da Noruega, 88, e depois fizemos a ocupação da Sapezinho, do lado, aí despejaram a Sapezinho, o pessoal que saiu da Sapezinho foi para Bela Vista, lá em Topázio, hoje é Novo Oriente, né?

BRIAN: É, hoje pertence a Novo Oriente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Novo Oriente, era município de Teófilo Otoni, se não me engano, na época.

BRIAN: Era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Hoje é um município, emanciparam. Então na ocupação da fazenda teve um confronto, despejo, o pessoal nem chegou a ocupar, não. Tava eles chegando e a polícia já chegava, antigamente era assim, a polícia era mais eficiente ainda na defesa do patrimônio, né, do que hoje. Hoje ainda defende o patrimônio, mas tá um pouco mais acanhado. Mas naquela época eles se antecipavam aos fatos. Então eles anteciparam, quando a gente chegou com a turma para poder fazer a entrada na fazenda, eles já estavam lá esperando a gente. Eles cercou todo mundo, parou o ônibus, caminhão, aí o pau comeu. Aí deu tiro, teve gente baleada, teve policial também ferido, o trem foi violento. 1989. 89, né? 89. É.

ENTREVISTADORA: E aí, em 94 vocês voltaram.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí viemos para cá.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível) tava abandonado?

BRIAN: Não, aí o seguinte, em 93, o MST veio aqui para o Rio Doce com o pessoal que tava acampado lá em Padre Paraíso, aí é uma outra história. A gente tava acampado lá em Padre Paraíso e nós viemos aqui em Tumiritinga para fazer uma visita a um padre que era amigo nosso, um italiano, e aí ele comentou sobre a fazenda lá, que na época chamava Fazenda Califórnia, e ele falou que tinha aquela fazenda, tinha um processo no INCRA e tal, fez uma menção a isso. Mas como ele era italiano, ele não tinha todas as informações. Nós viemos aqui para Valadares e, na época, foi no gabinete do Marcos Elênio, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi.

BRIAN: Finado Joaquimzão tava lá e conversamos com ele, aí a gente pegou algumas informações e que tinha uma fazenda desapropriada lá em Tumiritinga, só nunca tinha sido emitido na posse. Aí então nós voltamos para o outro acampamento, e conversando com o povo lá nós tiramos uma equipe, foi lá, fez uma vistoria, e falei: “é aqui que nós vamos vim, já tá desapropriada”, e aí a gente veio, veio de lá para cá. Aí já implantou o Movimento Sem-Terra no Vale do Rio Doce, e na época a gente negava, falava: “não, isso aqui é só essa fazenda, aqui não tem latifúndio improdutivo”, para acalmar a fazendeirada. Mas era...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O histórico era violento, né.

BRIAN: É, era muito violento.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Viesse para cá... A gente imaginava que dava muito confronto, ia ter muito sangue.

BRIAN: É. E como tinha uma fazenda desapropriada, aí nós entramos nessa e deu para segurar. Não foi fácil, porque mesmo assim eles queriam despejar de qualquer jeito, mas...

ENTREVISTADORA: É isso que eu queria saber, porque tava...

BRIAN: Aqui tinha, a EMBRAPA tomava conta disso aqui, era uma fazenda, essa fazenda, para ser mais específico, ela foi desapropriada em 1963, pelo João Goulart, para fazer um plano piloto de reforma agrária, que era aquele nas margens dos rios federais, das rodovias federais...

ENTREVISTADORA: Seria o primeiro local do Brasil, no caso.

BRIAN: É, é. Era, o plano piloto era aqui. Aí com o Golpe isso... Ficou a fazenda desapropriada, mas ficou com o Ministério da Agricultura, que fez um convênio com a EMBRAPA, que é de Minas Gerais, para fazer pesquisa. EMBRAPA, não, EPAMIG.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 76.

BRIAN: É. Aí fizeram esse convênio para a... Com a EPAMIG para fazer pesquisa. Mas aqui não se tinha pesquisa. Daí então o quê que aconteceu? Como era uma fazenda que tinha sido desapropriada para reforma agrária, que o governador tinha oferecido uma determinada época para gente e que eles não tinham deixado, nós já estávamos assentado ali, já tinha criado uma base sólida, já não tinha mais despejo, "bom, agora nós temos pelo menos para onde correr, né?" Porque antes a gente não tinha para onde correr! Quando nós... Ali se tornou assentamento, não tinha mais despejo, então agora temos para onde correr, então vamo embora agora atacar a segunda. E aí nós então fizemos um trabalho na região, tanto é que se não me falha a memória, têm quantas famílias de Valadares aqui? Só Martinho e João Eucádio? De Valadares?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: De Valadares, é.

ENTREVISTADORA: Então o pessoal aqui não é de Valadares?

BRIAN: Não, o povo daqui é todo das outras regiões. De Valadares, ninguém teve coragem de vir, ninguém! Cê imagina aqui...

ENTREVISTADORA: Com medo do...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) que era do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

BRIAN: Que era do sindicato, porque senão também não vinha! Eles também não vinha! Cê entendeu a lógica do tamanho que foi a repressão aqui, para cabeça das pessoas isso não era

J. D. F. E. A. I. N. O. S. F. I. N. O. V. A. S. C. O. E. S.
possível. Aí nós tivemos que buscar gente de todos os outros municípios, e só vieram então essa família, que na verdade não era nem duas, era uma família.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era uma família só.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Até mesmo no dia da ocupação, não vieram de Valadares também, não.

BRIAN: Não, não vieram! Não tem aqui, não tem. Os outros, todo mundo veio de fora.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Os que ameaçou vim, inclusive um próprio pastor, que na época tirou o cara de cabeça.

BRIAN: Pois é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pastor da igreja evangélica, que isso aqui era coisa do demônio.

BRIAN: Então se é do demônio, nós tamo aqui, né?:

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Engraçado que logo em seguida, quando a gente conquistou a terra que aí começou a entrar recurso, aí o próprio dito cujo do pastor veio para cá celebrar e tal e etc.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Abençoar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É! Como ninguém começou a dar bola, ele foi e começou a ficar bravo, né?

BRIAN: Mas e então, aí depois, nesse período foi o período que a gente veio para cá, e aí nós tivemos aqui dois despejos, dois despejos e, como é que fala, assim, mas muita luta, porque mesmo a gente despejado, a gente continuava dentro da fazenda, trabalhando, fazendo os...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E era interessante aqui, que era uma luta, o latifúndio já tava bem mais avançado, ele não tava aquele coronelzão da roça mais, que já era uma ação integrada com o capital financeiro, comercial, agrário, setor de comunicação, tudo articulado. E militar também, e educacional. O Coronel Tino é dono da Fatividade, lá de Direito.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A única faculdade de Direito que abriu durante a ditadura militar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, que é aquele personagem lá do, do (trecho incompreensível) que tá no livro do Carlos Olavo. Vocês já viram o Carlos Olavo, né? (trecho incompreensível) tinha o coronel Pedro, o Pedro era lá de... O Coronel Pedro tinha uma fazenda depois de Frei Inocêncio um pouco, quase Jampruca, Município de Jampruca. Então aqui, quando foi o início que nós falou, foi ocupação, 1994, exatamente, trinta anos depois do trabalho.

64, 94. Trinta anos depois, nós entramos aqui na fazenda, aqui no ministério. E porque que foi o

argumento nosso? A fazenda era do Estado, né? Como ele falou, era uma fazenda do Ministério da Agricultura, a EMBRAPA, que tinha um contrato de comodata (trecho incompreensível) desde 76, para pesquisa agropecuária. Só que, como o Brás falou, quando o Inbra fez a vistoria da fazenda, aqui só tinha 10% de pesquisa, uma fazenda de 1.942 hectares, à época, só tinha 10% de pesquisa. Não tinha 200 hectares de pesquisa. O restante, na verdade, era utilizado... A madeira que tinha foi detona, a madeira de lei que tinha foi tirada, até minério! No meu lote aqui tem dois túneis, extração de minério, né? E tem também a estação do cascalho também, que tem uma cascalheira, lá, a parte lá da fazenda, vocês vão poder andar, e tem outra aqui do outro lado aqui, também extração de cascalho para poder ajudar a pavimentar a rua e a BR aqui, as duas BR, né, a 259 e a 116, foi tirado muito cascalho daqui, material daqui. E a fazendeirada chegava aqui no final de semana, né, aqui era um curralzão todo bonitão, “oh, vou descansar a boiada aqui para poder seguir viagem”, né, boi para ir para o frigorífico. Nada. Ficava aqui dois, três meses, quatro meses, quando o boi tava roliço, aí dividia a grana com os coordenadores da EPAMIG daqui, a Eleonora, né, com a fazendeirada, e era assim que era... Passando a situação aqui. Quando nós fomos fazer o trabalho de base para ocupação, o pessoal que ainda tinha na época, nos bairros da periferia de Valadares, eles falavam muito do frigorífico da Matisa, né Brás? Matisa é um antigo frigorífico aqui, e todo mundo que trabalhava lá já sabia dessa história. E tinha medo de, falava para gente, contava história como é que foi isso aqui, mas tinha medo, e tinha 22 funcionários aqui da EPAMIG, que inclusive não quiseram se incorporar à nossa luta, né. Nós os convidamos a também fazer parte do projeto de assentamento, eles se recusaram e aceitaram ficar com a indenização da empresa, né, que nós vamos falar seguinte o que aconteceu. Eles preferiram ficar com a indenização do trabalho deles na EPAMIG e aceitou ficar numa área de 4...

BRIAN: 3 hectares.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 3 e pouco hectares.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não é que aceitou, que nós abrimos mão, que na comunidade não queria abrir mão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, já na altura do campeonato não queríamos mais, porque eles, eles começaram. Quando nós viemos para cá, aí essas 22 famílias começaram a trabalhar junto com a direção da EPAMIG aqui e era combatendo os sem-terra. Aí eles armavam de todo jeito. Uma vez, uma, eles sacrificaram um bezerro, né, cortaram de foice, depois foram lá e mostraram de foice o bezerro cortado, martirizado lá... Era desse jeito mesmo, e mostrava carcaça de gado lá e “não, os sem-terra que matou e comeu o gado, tá comendo o gato experimental aqui, ó”. Era que nem inferno. E a imprensa deles, então toda aquela informação na

cabeca do povo todo dia. Aí os dois despejo. Aí, na sequência, o quê que nós fizemos? No segundo despejo, inclusive, o batalhão daqui, o 6º batalhão é aqui, aí vieram aqui, fizeram o despejo, vieram com uma banda de música, né? Aí trouxeram a banda de música do 6º Batalhão e aí a gente saiu à pé, todo mundo à pé para voltar para dentro do acampamento, logo a frente ali, a gente voltou para o acampamento, tava dentro da fazenda, segunda vez, aí eles com a banda de música tocando atrás e a imprensa cobrindo (trecho incompreensível). E uns babacão lá cheio de balinha para as criança, fazendo festa com as criança, aquela situação horrorosa. Na sequência, nós voltamos para beira da BR de novo, e continuamos a luta e fizemos uma marcha daqui a Belo Horizonte. Aí o pessoal pode... Terezinha aí também que já... Aí Terezinha já tava aqui mais, o João já acompanhava, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Já.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu vim da Noruega, da Noruega, Brasilino chegou, você foi na Noruega ainda ou Sapezinho?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sapezinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No Sapezinho, 89 já, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 88, final de 88.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Setembro de 88. Eu fui para o MST em 85, que eu fui participar de um curso de formação de monitores lá da Paraíba, lá em João Pessoa, e já fazia um trabalho de jovens, né, capacitação. Eram quatro etapas por ano, aí quando, no final do curso a tarefa era levar as famílias para ocupação. Vocês vão conhecer depois um tal de Mussum que tem aqui, a tarefa minha foi levar a turma de Jampruca, que ele era de Jampruca, ele, a mãe dele, os irmão, a galera toda lá, mais um bocado de família lá. (Trecho incompreensível) tarefa para eu levar, era a tarefa do, do... Ao final do curso, cumprir essa missão, fazer isso. Aí para cá, aí depois de 89, 88, Brasilino chegou lá no Novo Cruzeiro, na segunda ocupação, o João já era de Poté, né João.

JOÃO: Acompanho desde os primeiros trabalhos.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Acompanhou desde os primeiros trabalhos de base, mas ele não tinha ficado na Noruega não, né?

JOÃO: Eu não fui porque era adolescente ainda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, novinho ainda.

JOÃO: Aí meus parente não deixou, meus pais não deixou eu ir, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O tio dele deixou, já tava, o Armando. O Armando é direção estadual do MST, um dos primeiros aqui, de 1984, já foi, já. Mas o João foi depois. Aí aqui

a Terezinha já acompanhou, vai a luta foi caminhando. Mas é interessante do aspecto histórico aí, que a Cidinha me passou um pouco do que eles tinha falado, sem prejuízo de pegar aqui depois a fala da Terezinha, que aí ela já se formou aqui, fez pedagogia e tal. Mas dessa época então, não tem muita gente mais, infelizmente um pouco da história se perdeu, porque a gente acabou não gravando, né. A gente ouvia falar, mas não tinha aquele cuidado de escrever. Têm professores aqui que fez alguma coisa, tem uma professora da UFMG, se não me engano, esqueci o nome dela. Ela tem uma tese de doutorado dela era sobre o Rio Doce.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Heloisa Starling?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Starling, Heloísa Starling. Isso. E tem também, aqui em Valadares, um professor Haroldo Salmem. O Haroldo foi professor de história, ele tem doutorado lá na USP, é professor emérito aqui da Univale, né, da cidade aqui do Rio Doce, e também conhece bastante aqui a formação da cidade de Valadares, desde a época de Figueira, então ele acompanhou, ele tem um trabalho até interessante com o pessoal do, dos rurais, dos sindicatos, então ele fez um resgate histórico muito interessante, que ele tem muita informação.

ENTREVISTADORA: Pois é, eu vou amanhã. A gente tem marcado com ele.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, né? Eu até passei o contato dele para a Cidinha, para poder falar com ele. Um cara muito, muito interessante, conhece bastante, tem muito material. Ele tem.

ENTREVISTADORA: Ele que tem muita coisa, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

BRIAN: Tem mais coisa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, mais coisa.

ENTREVISTADORA: Ele é o que mais vai me ajudar, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem outro também, outro professor também, é o Jaider, né? (Trecho incompreensível) o Jaider, mas por um episódio que aconteceu aqui na cidade, ele tá hoje no Rio de Janeiro, na assessoria lá. De vez em quando ele vem aqui. Mas o Arolfe dá conta de passar essas informações.

ENTREVISTADOR: O Jaider que era secretário da educação?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso, Jaider Batista. Ele também conhece muito. Inclusive ele era professor lá da Univale, foi a primeira vez que nós conseguimos levar. Eu formei na Univale, fiz direito lá. Na época que eu fui presidente do Centro Acadêmico, rapaz, quando eu fui... Passei no vestibular para fazer faculdade, deu até jornal! A imprensa falou assim: "sem-terra na faculdade. Eu, heim!", era, isso em 2000. Aqui era "sem-terra fazendo faculdade. Eu, heim!",

no Diário do Rio Doce que saiu, parecendo que não era direito da... Eu ia fazer Direito, mas não era direito meu fazer, estudar, fazer direito. Não era direito, não. Aí acabou que eu fui para lá em 2004, não, noventa... 2004. Aí disputamos lá o Centro Acadêmico, ganhamos, aí quando o pessoal veio, chegou aqui, nós conseguimos fazer uma ação lá com o Jaider, que o Jaider foi professor lá do curso de comunicação, e aí ele... O espaço da comunicação lá ele deu nome de Carlos Olavo. Aí nós fizemos lá uma atividade e levamos... Acho que uns 200 sem-terra lá para universidade. Foi a única vez também, eu acho, a primeira e a última vez que a reitoria lá permitiu, falou: "ó, não vai haver isso aqui mais não". Nós lotamos o auditório lá, só tinha boné vermelho, bandeira do MST, aí os caras são coronéis, né, aí...

ENTREVISTADOR: Porque a universidade é desse grupo, não é?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É deles também. Tudo aqui é deles!

ENTREVISTADOR: Universidade, jornal...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Jornal, a universidade também é dos coronéis, a Fadvale é deles.

ENTREVISTADORA: A Fadvale é (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Pessoalmente, assim, acho que na Univale entra mais gente ali, mas eles estão também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sim, é a linha deles. O prefeito da cidade hoje é um grande fazendeiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sem comentários!

ENTREVISTADOR: 84% dos votos (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Violento, história (trecho incompreensível) foi um retrocesso.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O gabinete dele é bem alinhado nesse sentido, né, você tem o currículo de cada um deles na página da Prefeitura, e grande homem de negócios de Governador Valadares (trecho incompreensível) você vai puxando (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível) União Ruralista.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ruralista.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então primeiro filho da terra agora, no aniversário de 69 anos da cidade, aí eu fui lá na praça. Falei: "Vou lá escutar, né, o que é que o povo vai falar." Então, assim, era uma festa que era só do pessoal deles. Então eu ainda brincava, que eu

cheguei, circulava lá no meio daquele povão e não tinha uma pessoa conhecida, aí fui encontrar com meu filho, que é a única pessoa que eu não esperava de estar lá. Aí...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tava te procurando.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aí ele perguntou: “uai, mãe, você tá aqui com quem?”, eu falei: “com Deus, uai”. Aí ele, aí na hora de soprar a vela do bolo, falou assim: “primeira vez que um filho da terra sopra a vela do bolo do aniversário da cidade”, então eles têm orgulho disso, né.

BRIAN: Mas pode deixar, a população já vai arrepender, já tem um monte de arrependido.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Mas aí, assim, né, dizer que é um prazer receber vocês aqui na nossa casa. O Gilson, Brasilino, João Leite já traz um pouco do histórico disso aqui, como que foi a nossa luta para chegar no conquista, né, de ter um lugar para receber as pessoa e das condições que nós chegamos aqui, é um espaço muito digno, né. Que eu costumo dizer que a maioria de nós que viemos daqui, nós viemos em quase 300 famílias, a maioria de nós viemos em condição de miséria, inclusive eu. Eu com 7 filhos e vim para cá só com as panelas, né, para fazer a comida, sem nem ter a comida para fazer nas panelas. E hoje tem uma casa, tem a terra, tem um quintal bonito, tem uma família, né, uma família bem estruturada, né, com poucos limite, mas uma família na sociedade que nós vivemos. Eu considero minha família uma família muito bem estruturada, centrada. Você viu aí, ó, na poeira que dava aí, só minhas filha, os meus filho, né. E é o lugar que eles também traz os amigos, as amigas deles para aqui. E aí não foi fácil mesmo, não foi fácil a nossa entrada aqui, porque... Até porque aqui era o berço dos latifundiários, e era o berço da burguesia, né. E a burguesia rural... Urbana, rural e agrária, né, que aí tinha as empresas, como já foi falado, né, (trecho incompreensível) já falou, né, das empresas que tava estruturada aqui. Tinha o fazendeiro, os fazendeiros que explorava disso aqui, era o espaço deles, e foi aonde iniciou o Golpe Militar de 64, então não tinha como não ser difícil a entrada nossa aqui, né. Quantas pessoas que foram exilado, né, que foram refugiados daqui, que perderam membros da família. Tem um espaço aqui em cima, lá no terreno do Gilson, do lado de cima aqui, que quando nós chegamos, aí tem uns buracos como se fosse umas vala, um lugar de enterrar gente. Nós achava que parecia bem um cemitério. Mas a gente nunca afirma isso, porque nunca arrancou a ossada de ninguém dali, né? Mas nós já fizemos teste da saúde alternativa e comprova isso na saúde, mas não é científico, né? Então nós não podemos afirmar isso, mas a gente acha que se tiver uma mexida vai... Pode achar alguma coisa nesse sentido.

ENTREVISTADORA: A gente pode fazer fotos no local?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ham?

ENTREVISTADORA: Vocês autorizam a gente a fazer fotos desse local?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode, pode fazer.

ENTREVISTADOR: Mas já teve alguém cavando lá para ver se achava?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós mesmos cavamos.

ENTREVISTADOR: E não acharam...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não achamos. A gente acha até que quando eles perceberam os sem-terra aqui, pode ter feito aqui uma limpada, entendeu? Porque era muito visível.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque talvez o buraco que tem ali é exatamente o buraco para tirar...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, porque já era uma cova rasa, imaginava coisa assim, e quando eles descobriram que os sem-terra viriam para cá, que aqui tinha, o que ela falou, tinha isso aqui e tinha um trincheira onde era treinamento de tiro de guerra. Então eles militarizavam a fazenda para poder proteger a fazenda, né. Então, isso que...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Vai saber o que eles fizeram, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Era tiro de guerra, mas podia ser tiro de gente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aproveitava, né? Que era muito tiro, então desse um tiro a mais um a menos, jogasse um bocado no meio do buraco lá, não tinha problema. Então quando houve a luta, que tava na eminência da fazenda ser cedida para nós, aí acho que eles já preocuparam e deram...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deu tempo, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deu tempo suficiente para fazer uma... Porque nós limpamos, né, Tereza, nós catamos lá nos buracos e não tinha. A gente foi, não achou mais as ossadas. Mas como ela falou, não sei se vocês conhecem, a gente chama de radiestesia, né. Aí a gente fez uma... A gente, não, mas um pessoal que...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É, nós temos um coletivo de saúde aqui na região.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do coletivo de saúde aqui, aí fez então e identificou, tem muito derramamento de sangue humano, né, na região lá. Houve isso e aí a gente sabe que... Como tinha a marca da violência, que era muito forte, uma violência muito forte mesmo, então têm dois tuneis, tem essa trincheira, tem esse local dessas covas. Depois (trecho incompreensível) meu lote.

ENTREVISTADOR: (Trecho incompreensível) um período que você acha que foi o mais complicado em termos de repressão, esse tipo de coisa? Que os episódios aconteciam mais vezes?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aqui na ocupação?

ENTREVISTADOR: Aqui parece que a pressão foi maior na ocupação.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então nós tivemos... Com 48 horas que nós havíamos ocupado aqui...

ENTREVISTADOR: Em 94?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: 94. Nós recebemos a liminar de despejo. 48 horas. Ocupamos, levantamos as casas, os barraco de lona e veio a liminar de despejo. Então a gerente, era a gerente?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, regional da EPAMIG.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Da EPAMIG, então ela...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Coordenadora regional.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Com a equipe e os policial. E aí lá eles leram a liminar de despejo e lá na liminar constava que os sem-terra não podia ficar ali, porque eles iria contaminar o gado da EPAMIG. Então isso aí foi uma repressão psicológica, porque, principalmente pobre, quando chega em um lugar, que escuta uma coisa dessa, qual que é a relação que tem de um animal com o humano? Por a gente valorizar muito a questão humana. E aí, no despejo, nós achava que ia matar todo mundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No primeiro, né.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: No primeiro despejo, a gente achava que ia morrer todo mundo, porque era muita polícia, ninguém nunca tinha visto a quantidade. E muitos carros de polícia, e eles subiam naqueles carros com as armas tudo apontada, né. E era muita criança... Tá até fervendo já, deve estar... Então era, então esse momento foi um momento muito tenso, de muita repressão psicológica, muitas crianças ficaram, tiveram, né, ficaram muito assustadas. Então eu tinha um filho, eu tinha, não, eu tenho! É um desses que tava aqui, que a partir daí ele não dá mais sossego, ele só chamava para ir embora, porque não queria, então...

ENTREVISTADORA: Vocês chegaram a sair daqui?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aí nós saímos, nós sofremos esse despejo, viemos para a beirada da BR, uns 7km aqui, na beirada da estrada. Ali moramos um ano e dez meses.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É bom falar que nós não entramos aqui, não. Foi lá atrás, aqui não. Aqui era área da EPAMIG, isso aqui...

BRIAN: Aqui era a sede.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui era sede.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aqui a gente não podia chegar nem no portão.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era cheio de segurança...

ENTREVISTADORA: Vocês ocuparam só uma parte, no outro lado?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do outro lado da fazenda.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: No canto... Mas aí nós viemos para a BR, mas todo dia era uma luta. Todo dia. O dia que nós paramos na BR, era indo para cidade, outra hora nós tivemos até que, essa semana mais o Brasilino viajando junto, a gente conversando, nós tivemos de fazer uma armadilha, pegar um policial, porque ele passava todo dia, todo dia 9 horas, 9 e meia da manhã ele passava e gritava, "eu vou matar não sei quantos", todo dia ele ameaçava. Aí um dia nós juntamos todos e fizemos uma gaiola e pegamos eles.

BRIAN: Ah, sim, sim. Aí ele sumiu, nunca mais ele passou.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aí nós pegamos e levamos para o acampamento, demos uma lição de moral nele lá, ele muito desorientado, que ele tinha um filho, não sei o quê. Ele tinha 1 e nós tínhamos 300, né. E ele não tava preocupado com os 300. E aí, esse momento também foi um momento de muita repressão, porque nós levamos ele para o acampamento e mobilizamos a sociedade. Chamamos a igreja, chamamos os deputado que apoiava, os vereadores, a igreja metodista tava junto, a católica, e os sindicatos, né. Os Sindicato do Trabalhador Rural, outro sindicato aqui da cidade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse foi um dia tenso. Eu acho que foi o dia mais tenso que teve, porque o cara, ele era cabo?

BRIAN: Cabo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, Cabo Djalma, da P2. E ele já tinha um histórico de infiltração nos movimentos aqui há muitos anos, ele infiltrou no Sindicato dos Comerciários de Valadares, no Partido dos Trabalhadores, na Fundação do PT, ele se filiou ao PT.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Morreu tem pouco tempo agora.

BRIAN: Morreu tem umas duas semana?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi baleado, tomou um tiro, executado no posto de gasolina, que ele foi trabalhar dirigindo.

ENTREVISTADOR: Agora isso?

BRIAN: Agora!

ENTREVISTADORA: Gente!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso deve ter uns dez dias.

BRIAN: É, uns dez dias, no máximo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí então, quando ele foi para lá, que demos notícia da prisão, que nós seguramos ele aqui, que até então ninguém sabia quem que era o cidadão. Na hora que pegou, que identificou que era policial. Ele tava armado e uma carteirinha da polícia. Aí que a Terezinha falou, nós chamamos o pessoal e depois comunicamos com a imprensa para depois avisar o comandante.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha pegado uma pessoa, não falou que era polícia.

ENTREVISTADOR: (Trecho incompreensível) como sequestro em Governador Valadares e a vinha PM toda (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ham?

ENTREVISTADOR: A preocupação era que ficasse a coisa de que: “ah, o MST sequestrou uma polícia”, por isso a...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, é porque a gente sabia do resultado...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sequestrou O cara, viu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ia ser, a gente ia saber... Que conhecendo Governador Valadares, a gente sabia o que ia acontecer! O cara era da polícia, né! Era muito muita ousadia dos Sem-Terra.

BRIAN: Prendeu o policial!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Prendeu o policial, o cara da p2!

BRIAN: E eles não podiam falar que era sequestro, que ninguém pediu nada! Chamamos ele para devolver.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pra devolver, só que nós chamamos o comandante, mas chamamos a imprensa junto.

BRIAN: A imprensa, todo mundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi o que nos salvou.

ENTREVISTADOR: E a polícia veio com força para pegar o cabo?

BRIAN: Veio!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Veio, rapaz! Nossa! E veio para poder arrebentar, para pisar, para matar. É um deles, né, cara.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Feriu o orgulho, né, deles.

ENTREVISTADOR: Isso foi em 94. Õ E S

BRIAN: 94.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 94 ainda.

ENTREVISTADOR: Lembra o mês?

BRIAN: Ah, num lembro não! Cê lembra, Terezinha? João Leite... Se o Mussum tivesse aqui na época ele lembrava, que ele guarda todas as datas. Eu não lembro, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse aí foi... Nós tivemos lá em agosto... Acho que foi no período de 95.

BRIAN: 95? Tinha um ano ainda não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós saímos em agosto...

BRIAN: Agosto. É, pode ser que foi em 95.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi depois da Copa do Mundo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, foi no final de 94, realmente. Foi no preparo das terra, que nós tava lá dentro.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Nós tava preparando terra.

BRIAN: Preparando terra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E toda vez que passava, o cara fica lá na ponte, aí o pessoal quando (trecho incompreensível) armaram uma arapuca, né, e cercou ele. Aí quando veio, o comandante veio recolher o membro da corporação...

BRIAN: Que ele não sabia que era, que se soubesse antes era pior.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era pior! Aí todo mundo ficou sabendo quem que era o cidadão, rapaz! Os caras queria, porque queria partir, matar os sem-terra!

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então, até então ninguém sabia que era policial, mas temia ele matar alguém. Temia ele matar, porque ele passava e falava que ia matar. Uma hora matava, né? Aquele dia era ele, mas e o dia que ele viesse com mais, com mais gente, acompanhado?

ENTREVISTADOR: E depois teve represália, Terezinha?

BRIAN: Depois dessa?

ENTREVISTADOR: Depois disso...

BRIAN: Não, depois dessa teve uma tentativa. Como é que foi a tentativa? Eles armaram todo um esquema e marcou uma data que ia invadir o acampamento.

ENTREVISTADORA: Tava na BR ainda?

BRIAN: É, tava na beira da BR. E aí eles montaram isso, só que a informação chegou para nós, do dia e o horário. Aí nós fizemos de novo a mobilização da imprensa e dos apoiadores, e o povo foi para lá, inclusive a imprensa, sem avisar para eles que tava indo. Que parece que eles não era muito bem articulado nesse aspecto. A imprensa foi primeiro e eles paravam na beira da estrada para dar os últimos ajuste para invadir o acampamento. Nisso passou a televisão, passou jornal, passou tudo, passou todo mundo. Aí acabou, e desmontou, né? Eles queriam fazer uma ação que não fosse, não divulgasse nada, que não tivesse a mídia, porque depois eles iam dizer só a versão deles, sem... Aí, quando o pessoal passou, os jornalistas chegou lá apavorado: “eles vão acabar com vocês”. Uai, fazer o que? Se eles vão acabar conosco, vamos esperar. Mas aí eles só fizeram um desfile na porta do acampamento. Foram lá em cima e voltou. Aí eles pararam, eles falaram: “não dá para mexer com esse povo assim, né”, até hoje eles não sabem que a informação veio de lá de dentro da polícia, mas...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Charrete levou?

BRIAN: Para quê queimar a fonte, né? Agora já passou de 20 anos, eu acho que quem deu o aviso já aposentou. Quem nos avisou já aposentou, então não tem problema mais, mas

ENTREVISTADOR: Eles acham que os lá de dentro é 100% de...

BRIAN: É 100%. Não é, não é. Os cara avisou para gente.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então aqui, assim, né, tem gente que fala assim: “ah, mas não houve repressão”, que tem muita gente que, na cabeça deles, repressão é morte. Repressão é quando pega e mata. Mas a repressão psicológica, né, da moral, do despejo, do medo.

ENTREVISTADOR: Esse clima, né, de ameaça, né, não deixar vocês tranquilos, né.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Então era repressão todo dia, o tempo todo, e daí, teve tempo muito difícil de caminhar, um cair em cima de barraco com a gente lá, de companheiros que morreram atropelados na BR, porque não era um lugar seguro. E aí também uma, muito marcante para nós e ninguém aqui nunca esquece, foi a nossa marcha, nossa primeira marcha. Que foi a marcha estadual para Belo Horizonte.

BRIAN: 96.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: 96.

ENTREVISTADORA: Esse tá no site, esse eu vi a história.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Essa marcha de 96...

ENTREVISTADORA: Mas aí vocês já estavam aqui de novo?

BRIAN: Não!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADA: Não, estava na beirada da estrada.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tava na beirada da BR.

ENTREVISTADOR: Então não foi aquele primeiro despejo ainda?

BRIAN: Não, aí foi após o segundo, né.

ENTREVISTADOR: Após o segundo.

BRIAN: Após o segundo.

ENTREVISTADOR: Vocês foram para lá, aí voltaram, aí saíram de novo e aí depois teve a marcha?

BRIAN: Aí acontecemos a marcha.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O segundo foi esse que o Gilson falou, né, que veio com banda de música, com cavalaria, helicóptero.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí, quando da marcha, foi o do saudoso Governador Azeredo.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Decepcionou lá...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Saudoso ainda não.

BRIAN: Ainda não, que ele tá vivo. Apesar que ele deve ter morrido para o cê.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Para mim ele tá morto!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADA: Então nesse dia, essa chegada nossa lá foi, né, o bicho pegou. Nós fomos recebidos pelo... As polícias do Eduardo Azeredo. A comadre Antônia contou um dia agora na saúde popular, no dia do grupo da saúde popular, que era um grupo aqui da cidade, tá tendo um curso em parceria do MST com a Fiocruz, na área da saúde popular, então atingiu a cidade, então tem muita gente da cidade fazendo esse curso também. Então a etapa da semana passada foi aqui. Então eles queriam conhecer a história aqui do assentamento, né. Conhecer o MST e como que é essa vida social nossa, como é que a gente vive, né. Aí uma companheira nossa, que fez a marcha junto, aí ela falou, lembrando que um lugar que deve ser, que era menos do que essa varanda aqui, teve que caber mais de 400 pessoa, porque na hora que eles chegaram para reprimir, aí eles iam empurrando com aqueles pau, empurrando, empurrando, e a gente ia colando um no outro. Então 400 pessoa num lugar muito apertado. E aí, daqui a pouco eles vieram com jato d'água, jogou água em todo mundo. E aí fora quem foi preso, né, quem foi espancado, então aí na mesma época, no mesmo dia foi o massacre do Eldorado dos Carajás, né, onde morreu o Oziel, e que nós homenageamos com o nome do assentamento

por causa do jovem que foi morto lá. Então assim, mas teve momento de muita repressão, mas de muito aprendizado. Se a gente não passa por essa escola, né...

ENTREVISTADORA: E qual a data que vocês retornaram para cá?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aqui para dentro? Na nossa...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Em 96 teve essa marcha, aí, qual a repercussão? Isso que Terezinha falou, chegando à Belo Horizonte, esses 15 dias, chegando à BH, aí próximo à Polícia Rodoviária Federal, né, aí teve essa repressão.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Santa Luzia.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Santa Luzia, ali. Aí eles prenderam um bocado e o pessoal... Aí pronto, mas teve o efeito contrário. Ao invés de desmobilizar, acabou reforçando a marcha. Aí os urbanos vieram, a igreja, os sindicatos, aí todo mundo reforçou. Aí nós chegamos em Belo Horizonte, o Patrus era o prefeito de Belo Horizonte, Patrus Ananias.

BRIAN: Era o Patrus, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É. Foi nos receber lá na Cristiano Machado. E era interessante, você olhava assim para os prédios, as pessoas jogando papel picado, né, as mulheres desciam, as pessoas...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, Patrus. Foi receber a gente na Cristiano Machado. O Luiz Dulci era secretário do Patrus.

BRIAN: Ah, tá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nós tratamos com o Luiz (trecho incompreensível) nós tratamos da articulação da marcha com o Luiz Dulci, inclusive. E o pessoal entregando água mineral para as crianças. Era uma coisa, assim, apoteótica mesmo. Um evento histórico. Então, assim, houve aquela comoção geral, né. Ele achou que a repressão ia calar, ia dispersar. E ao contrário, ele fez foi reforçar a mobilização. Aí todo mundo foi para lá, aí lotou mesmo, foi aquele enxame de gente, fechou as duas avenidas assim. Parou Belo Horizonte.

BRIAN: Aí o governador teve que entregar a fazenda.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí teve o Mares Guia...

BRIAN: O João Batista.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: João Batista, irmão do Walfrido, que já foi deputado estadual do PT. João Batista. E o João era o coordenador da chamada CORA, Coordenadoria de Reforma Agrária do governo do Estado de Minas Gerais, na época do Azeredo. Então o Mares Guia coordenava esse setor da questão agrária. Era o João, João Batista. E aí, na audiência com

o Azéredo, o Azéredo também acho que já tinha desgaste da EPAMIG aqui, e não quis ficar pagando. Aí, para complicar a situação, houve o massacre lá em Carajás, que também do PSDB né, (trecho incompreensível) 19 sem terras mortos, aí a situação fica insustentável. E aí nessa época foi marcha, o MST articulou marcha no Brasil inteiro para as capitais dos estados. Então tava, as capitais estavam fervilhando. Então houve essa situação e eles entregaram a fazenda em 96. Aí nós já viemos para aqui para dentro, aí já entramos aqui. Aí tirou a EPAMIG, nós já entramos aqui...

ENTREVISTADORA: A EPAMIG saiu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Saiu, a EPAMIG saiu.

BRIAN: No dia que nós tava chegando, eles não saiu antes, não.

ENTREVISTADORA: Esperaram vocês chegarem...

BRIAN: Esperaram chegar no portão ali para eles começar a sair.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mesmo assim, ainda correu muito dinheiro, eles ofereceram muito dinheiro para o governador para não passar para gente.

BRIAN: para não passar.

ENTREVISTADOR: Quem que ofereceu?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foram os fazendeiros.

ENTREVISTADOR: Os fazendeiros. Vocês acham que tinha alguém aqui que assumia a liderança, alguém que se destacava à frente dos fazendeiros?

BRIAN: Dos fazendeiros?

ENTREVISTADOR: Dos fazendeiros.

BRIAN: Não, na verdade era o Sindicato Rural, né. Tinha Sindicato Rural, eles não aparece uma figura.

ENTREVISTADOR: Nenhuma queria aparecer nem se destacar?

BRIAN: Ninguém nesse momento queria aparecer.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha um advogado de destaque, chamava João Augusto Miranda, se não me engano.

BRIAN: João Augusto, que é fazendeiro, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, que é fazendeiro.

BRIAN: Mas ele aparecia como advogado dos fazendeiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Advogado do Sindicato Rural.

BRIAN: Do Sindicato Rural.

ENTREVISTADORA: João Augusto Vieira.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era um dos cara muito bem articulado. Mas, todos os fazendeiros aqui da região de Valadares utilizavam a fazenda para benefício deles mesmos.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Não, tem, o ano passado? Acho que foi no ano passado, na abertura da exposição, no parque de exposição teve um evento lá, e aí tinha um evento temático, que o atual prefeito que deu abertura ao evento. Então tava lá também. E aí o André Melo, que é o prefeito hoje, ele mencionou isso aqui. Até hoje eles não engole. Os Sem-Terra, porque ele disse assim, ele falou sobre o desenvolvimento de Valadares e tal, e depois falou que o foco, o lugar principal do desenvolvimento de Valadares, de trazer o que eles têm, o pensamento deles, era aqui. Aí ele falou: “nós perdemos para os Sem-Terra”, aí depois ele voltou atrás, “não que eu sou contra os Sem-Terra e nem contra a reforma agrária”, mas isso tá, né, isso tá entalado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com certeza. Isso daqui foi... Com certeza. E é interessante, eu tava olhando no Google... Uma imagem (trecho incompreensível) que têm no Google ainda, antigas, você tem que ver a diferença. Eu não consegui trazer para trabalhar o material visual com nosso pessoal do TI, mas vamos fazer isso aí. Você vê o quê que era aqui antes da gente, antes dos sem-terra. Não tinha nada! Não tinha árvore. Essas árvores tudo que vocês estão vendo aqui, fomos nós que plantamos. Isso aqui era tudo descampado, não tinha mais nada já, tudo detonado...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se a gente olhar daqui para lá assim, ó, cê via até o outro lado.

BRIAN: Pasto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pasto.

BRIAN: Pasto, é.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Olha do outro lado para o cês ver, que cês vão ver ali, é tudo pelado, nem capim não tinha também mais, não. Era pelado, igual naquele morro ali do lado de lá. Hoje você tá vendo a diferença aqui. Aí você vê na imagem do Google. Hoje, quando você puxa a imagem, hoje ela tá totalmente diferente. A cobertura vegetal que tem é uma coisa, assim, impressionante!

BRIAN: Tem um outro detalhe, que às vezes a gente não percebe, mas quando a gente chegou aqui você não via um pássaro. Um pássaro! Hoje a variedade que se tem de bicho, de tudo! O pessoal já pegou tatu aqui na praça. Pega e solta de novo, só para... Nossa senhora! Dá um prejuízo aqui comendo!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível), tem onça, tem veado.

BRIAN: Não, seado tem em tudo quanto é canto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Até onça tem.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Onça não, ainda não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: No poste aqui, sabe aquele Luiz Cacheiro? Cê sabe do bicho chamado ouriço com espinho?

ENTREVISTADOR: Conheço.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Morreu um aqui, tava em cima do poste.

BRIAN: Ouriço, porco espinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Cachorro bate a boca nele, meu amigo, tchau!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, tchau.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Pode levar para o veterinário, já era.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí eu tava ali limpando com Madalena, depois nós vimos o bichinho todo durinho lá embaixo, acabado de morrer, tomou um choque. Ele subiu na árvore, da árvore passou para o poste e acho que tomou um choque e caiu duro lá. Então, assim, até os bichinho já tá vindo aqui nas árvores.

BRIAN: Aquele macaquinho, macaquinho sagui. Demais, demais, demais da conta. Muito. Então, assim, a variedade de pássaros! Aparece muitos pássaros. Tem uns que a gente não sabe nem que bicho é aquele. E outro dia, teve um dia aqui no mato, eu vi um casal de porco do mato. Eu vi um casal de porco do mato. Coisa rara também, você não encontra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Suçarana, né, já tem... Jaguatirica. Interessante isso. Não vi não, mas jaguatirica eu já vi.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quando nós viemos para aqui, a gente trouxemo... Veio acho que uns dois caminhão de arroz, e o que era de pardal que tinha aqui, a gente não dava conta de tanto pardal. E assim, eu acho, acredito que uns dois, três sacos de arroz (trecho incompreensível)

BRIAN: O pardal sumiu, né? Foi sumindo. (Trecho incompreensível) Não fica um pardal aqui mais. Não fica.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E era muito pardal aqui, não tinha outro passarinho aqui, só via pardal.

BRIAN: Hoje não tem pardal e têm outros. Tem uma outra coisa que eles falava que usava para pesquisa, mas tem uma coisa, que eles usavam muito veneno para tratar os parasita do gado, e

...E J A S P Á S S A R O S C O M E O C A R R A P A T O , e aí o carrapato, come o bicho envenenado, morre junto.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) capim que entrava pela cerca, e o cachorro comeu.

BRIAN: Comeu o capim e morreu. (Trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso é um inferno. Contamina o bicho.

BRIAN: Contamina tudo. E teve uma época aqui que a gente tava fazendo a plantação de arroz, fazia com muda. Eles pulverizaram as mudas nossas de arroz com veneno para matar o arroz, para não plantar, né? Então fez o viveiro, ai eles foram lá de noite. É, na época. Detonou no arroz, pronto, para matar as mudas, que aí a gente não tinha como produzir.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Nós chegamos aqui também e plantamos muita coisa. (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Depois de 96 vocês sofreram com repressão?

BRIAN: Só para vocês terem uma ideia, né.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: De 96 para cá foi melhorando, né?

BRIAN: Sim, melhorou um pouco. A (trecho incompreensível) tava querendo fazer uma conversa a respeito de antes do período da Ditadura, mas tudo isso que nós conversamos aqui, a Ditadura já tinha acabado. Mas a polícia não sabia que a Ditadura tinha acabado. O conceito... Não chegou a informação para eles, eles não ficou sabendo. Eles continuaram. A informação, a circular não chegou para eles que a Ditadura tinha acabado, eles continuaram agindo como se tivesse em plena Ditadura, né. Então isso levou muito tempo, é resquício da Ditadura, né? Agora, não, porque esses já aposentaram, a grande maioria, e agora já tem uma outra cabeça, uma outra mentalidade. Hoje já pode pelo menos conversar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nossa sorte atual (trecho incompreensível) de esperança.

BRIAN: De esperança, né.

ENTREVISTADOR: Por exemplo, e vocês falaram que tinha, as famílias daqui não queriam vir para cá para o assentamento, porque tinham medo e tudo o mais (trecho incompreensível).

BRIAN: Nós referimos aos do Município de Valadares.

ENTREVISTADOR: Vocês conseguem, vocês sabem de alguns deles que participavam de alguma forma desse movimento na década de 70, 80, que tava ali, que de alguma forma tava ligada à questão da luta rural?

BRIAN: Olha...

ENTREVISTADOR: E que talvez tivesse medo em 94, né, de participar.

BRIAN: Pois é, eis a grande questão, assim, eu não conheço pessoas desse período. Quem esteve no período da Ditadura aqui, que esteve no sindicato e tal, que vocês vão entrevistar, é o José Aparecido. José Aparecido era do sindicato e tal, então de repente ele têm algumas informações que a gente não tenha. Mas eu não tenho, não sei, eu tava até conversando lá em casa, de repente, eu não sei, Gilson, José Reis, Senhor José Reis ele conhece, porque... Senhor José Reis deve ter quase 100 anos, né, então, de repente...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O José Aparecido, vocês vão conversar com ele amanhã.

BRIAN: Quem sabe tenha alguma informação que a gente não tenha. Mas o que a gente sabe é o seguinte, tinha muita gente...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas José Reis não tem muita questão do rural, não.

BRIAN: Não tem, não, né?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele é mais urbano. Eu acho, né.

BRIAN: Mas a gente não consegue ninguém da época. Eu me lembro da marcha de 96 ou de 97, eu encontrei com uma senhora lá em Timóteo, e ela disse para gente que morava aqui, aqui, e o pai dela e o irmão dela desapareceram, que eles nunca mais tiveram notícia, e ela mostrou uma cicatriz na perna, que eles furaram a perna dela, foram na casa dela e tinham levado o pai e o irmão, que tinha ido encontrar com o Chicão, e eles nunca mais voltaram e eles foram na casa deles e ela tentou correr e subir num alto, assim, para caixa d'água para esconder, e o soldado passou a baioneta na perna dela. Ele fez um rasgo na perna dela. Mas eu não conheço essa senhora, encontrei com ela na marcha e ela falou isso para mim, me mostrou, ela já tava com seus 60 anos na época, mais ou menos. Ela disse: "olha, eu era mocinha, eu tinha uns 15 anos e fizeram isso comigo, e meu pai e meu irmão nunca mais voltou para casa, desapareceram". Então não sei quem é, só sei que ela falou isso. E aqui em Valadares a gente não conhece ninguém da época, assim. E não sei. Eu me lembro do Chicão, uma vez nós trouxemos ele aqui, ele me falou de uma família dos Piazzarollo, eu não conheço ninguém dos Piazzarollo aqui em Valadares. Ele falou que era uma família Piazzarollo, mas eu não conheço também. Então a gente não sabe quem é. O povo sumiu, correu, eu acho que eles pressionou ao ponto deles não ficar por aqui.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aqui tinha uma índia, quando nós tava lá em Belo Horizonte, quando tinha aquele alojamento lá no bairro...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Barreiro.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Barreiro lá, a Araci que tem o contato desse povo, tava lá fazendo um trabalho lá, por acaso eu sentei com ela e andei conversando, batendo papo com ela. Aí ela me perguntou de onde que eu era, aí fui falar para ela, e ela começou a contar a história (trecho incompreensível) que ela saiu daqui nova, que ali no bairro tinha poucas casa, ali, e tinha uns índios que era, como é que fala? Era, que matava gente para comer. E tinha ela, que morava que morava (trecho incompreensível) eu sei que ela me falou que aqui na época era para ser uma...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma reserva indígena.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Uma reserva indígena, que o Ministério da Agricultura na época não permitiu que fosse uma, essa... Uma reserva indígena, né. E aí ela, depois eu não acabei entrando em detalhe com ela mais, mas é uma pessoa que talvez...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É um contato, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ela era nova, era nova. A gente sempre encontra, conta história daqui da fazenda aqui no bairro, né. Aí foram pessoas mais velhas que conseguem contar as histórias, né.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É, dessa época.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que eles conhecem ali do bairro (trecho incompreensível) talvez não poderia não conseguir (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu fiz um requerimento (trecho incompreensível) o Joaquim Nicolau, que o pessoal fez referência aqui, já falecido, Joaquim faleceu em 93, era carroceiro, mas ele era um cara que militava no Sindicato dos Metalúrgicos e também com os trabalhadores rurais. E aí quando, deve ter uns quatro, três a quatro anos que eu entrei com um requerimento no Ministério da Justiça solicitando informação da minha, da minha situação, né, e me mandaram um relatório preliminar, só que eles fazem referência desde quando eu comecei a militância no MST e no PT, 1984, 85 para cá, eles já têm registro. Aí tem monitoramento das reuniões que a gente fazia lá em Novo Cruzeiro, Teófilo Otoni, (trecho incompreensível) todas as cidades. É incrível como os órgãos de informação estavam articulados. E aí, cada...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Continuava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Continuava, exatamente, isso 88 para 89 já. Continuava tudo pronto, tudo armado e me mandaram esse relatório preliminar, o meu e o do Joaquim. Agora precisava a gente voltar, requerer, porque aí eles falam que tem que pagar a reprodução do material, porque é muita coisa, né? Cada referência é um arquivo. Mas têm todas... É interessante, o cara fala assim ó...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É você quer ver a continuidade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fala assim: “ó, você teve na reunião lá na PJ lá em Teófilo Otoni, na casa do Padre Giovani”, os cara tem endereço, a data e sabe o que tava acontecendo.

BRIAN: Sabe mais da gente do que a gente mesmo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí eu tenho que voltar lá, requerer aquele arquivo para saber o quê que eles... Ele tá lá dentro, porque com certeza eles têm muita informação ali.

ENTREVISTADORA: Seria bom a gente ver, porque isso vai provar que o Estado estava monitorando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Continuava. Isso foi 90. 88, 89, 90.

ENTREVISTADORA: Além de pegar o período da Ditadura, eles continuaram monitorando vocês depois.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Continuaram monitorando. Exatamente.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível)

BRIAN: E aquela época não se tinha muita tecnologia, imagina hoje!

ENTREVISTADORA: Imagina hoje! Você tem esses documentos?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tenho.

ENTREVISTADORA: Poderia fornecer para gente cópia...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Posso (trecho incompreensível) tem o meu e o do Joaquim. Joaquim...

ENTREVISTADORA: Joaquim é o Joaquim (trecho incompreensível)...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não, é o Nicolau. Tem o Joaquim Poté de Teófilo Otoni, a região do Mucuri já. Ele é de (trecho incompreensível) da FETAEMG hoje, lá em Teófilo Otoni.

ENTREVISTADORA: (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Joaquim foi do primeiro sindicato (trecho incompreensível) de Minas Gerais. Muito interessante, o Joaquim foi deputado federal, ele é um cara interessante. Conterrâneo do João Leite.

ENTREVISTADORA: Pois é, você falou que era de Poté.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, eu participei de várias reuniões, assembleias do sindicato lá. (trecho incompreensível) Meu pai era sindicalizado, ia sempre lá para votar, quando eu...

ENTREVISTADORA: Seu pai fez parte do sindicato lá?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Fez.

ENTREVISTADORA: Como é o nome dele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Manoel Leite dos Santos.

ENTREVISTADORA: Manoel Leite. É porque eu faço não só essa região de Valadares, como eu faço a região do Vale do Mucuri e Jequitinhonha. Envolve esses três lado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ah, legal. Você chega no Vale do Aço também? Não, né?

ENTREVISTADORA: Vale do Aço também.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Também? Tem uma pessoa que eu acho que era bom fazer contato, o Senhor Gerson, pai do Hudson. O Senhor Gerson, inclusive, ele tá no Leonardo Monteiro (trecho incompreensível). Eles foram anistiados, inclusive. O Leonardo, ele foi anistiado, ele trabalhava na Cenibra, era sindicalizado, teve o mandato cassado. Ele foi anistiado, ele é anistiado. Ele e o, o Senhor Gerson também foi. O Fassarela, não sei como é que tá o processo. Fassarela, saudoso, nosso companheiro. Também teve uma... (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Vocês são de onde? Só para (trecho incompreensível) Você é de Poté, você é de?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu sou de Itambacuri, perto de Poté, lá.

BRIAN: A minha história é meio longa, eu nasci no Jequitinhonha, e mudei para região de Frei Inocêncio em 70.

ENTREVISTADOR: Você é de Jequitinhonha então?

BRIAN: Sou do Jequitinhonha, da cidade de Jequitinhonha. Na verdade, eu nasci no meio das duas, entre Jequitinhonha e Joáima, mas como Jequitinhonha era maior, então nosso contato era sempre (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Joáima deve ser pequena, viu...

BRIAN: Isso em 70, cê imagina...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E olha só como é que o mundo é pequeno. Ele lá em Joáima, do lado de Joáima, lá em Felizburgo, o massacre de Felizburgo.

BRIAN: Não, e interessante que depois que eu voltei lá, acho que todo mundo sabe disso, mas eu ajudei a coordenar a ocupação do dono da terra onde eu nasci. (Trecho incompreensível) Nasci na fazenda dele, voltamos lá e ocupamos a fazenda dele. Ele não sabe disso, não.

ENTREVISTADORA: Mais perguntas. O sindicato ajudou vocês? O Sindicato de Trabalhadores Rurais.

BRIAN: Cê fala daqui de Valadares?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sempre.

BRIAN: Não foi só o trabalhadores rurais, não.

ENTREVISTADORA: Era o José Aparecido na época?

BRIAN: Não. Na época o José Aparecido já não estava mais no sindicato. Nós fizemos as primeiras conversas quando ele tava aqui, só que quando nós ocupamos aqui, ele estava na CUT, lá em Belo Horizonte.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Departamento rural da CUT, Departamentos Gerais.

BRIAN: É, tava lá. Mas ele, assim, ele ajudou nas primeiras conversas...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Salvo engano ele foi depois da Cida, né? Que a Cida mexe com coisa da CUT também.

BRIAN: Foi o Juarez depois da CUT, não?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, Juarez.

BRIAN: Foi o Juarez.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A Cida é do PT.

ENTREVISTADORA: A Cida é PT.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Secretaria agrária do PT.

BRIAN: É. Então foi primeiro a Cida, depois Juarez, depois o José Aparecido.

ENTREVISTADORA: Aqui do PT eu vou entrevistar Maria Guimarães...

BRIAN: Maria Guimarães.

ENTREVISTADORA: (Trecho incompreensível) Vou entrevistar a Glorinha.

BRIAN: Glorinha é do sindicato.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Da União Operária?

ENTREVISTADORA: Da União Operária.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Operária. Muito bacana.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Oh, Gilson, será que a Maria Reis, Joaquim.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem muita informação. A esposa do Joaquim Nicolau (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Algumas coisas, nós tinha muito mais...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O que eu tenho ali, uma... A gente pode depois... Resgatei (trecho incompreensível) era uma sentença que o juiz soltou da época que o (trecho incompreensível) DE, na época, o Gilson fez nota das margens da BR, aí soltou uma sentença justificando porque não fazer o despejo. Muito interessante.

ENTREVISTADORA: Ah, eu quero essa sentença. Se puder me mandar?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aquela sentença que o juiz soltou na época.

ENTREVISTADORA: Se você puder me mandar ela digitalizada, ou então por foto mesmo.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Que na verdade é um, tem uma decisão primeiro do STJ, do pleno do STJ, quando foi julgar o habeas corpus da Jolinda, (trecho incompreensível), aí o STJ entendeu que era... O STJ (trecho incompreensível) era legítimo as formas do movimentos sociais para cobrar reforma agrária, para cobrar o cumprimento da lei, então ele entendeu que era legítimo. Isso é interessante. E aí, com base nessa decisão, o juiz aqui da comarca, porque o juiz federal (trecho incompreensível) a gente tava... Queria despejar a gente da beira da BR, (trecho incompreensível) aí o juiz falou, aí deu a decisão. (Trecho incompreensível)

BRIAN: Teve uma decisão de um juiz, que eles estavam dizendo, alegando que os Sem-Terra na beira da pista era perigoso, não, não, não, aí o juiz falou o seguinte, eu lembro dessa decisão, não sei qual foi o juiz, aí ele falou assim: "Não despacho, que já que os Sem-Terra não tinha o direito de trabalhar para sobreviver, então deixasse ele escolher o jeito de morrer!" E negou o despejo.

ENTREVISTADORA: O despejo.

BRIAN: Negou o despejo da beira da pista. "Já que vocês não permite..."

ENTREVISTADORA: Já que eles não podem trabalhar...

BRIAN: Não pode trabalhar para sobreviver, então deixe eles escolher o jeito que eles querem morrer. Tem umas decisões muito interessantes.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Mas amanhã também, lá no sindicato, o José tá juntando material também. Tá juntando.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível) ele era o ministro da reforma agrária, na época.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do Fernando Henrique Cardoso. Hoje ele é o ministro da defesa, né, do Temer.

ENTREVISTADOR: Esse é quem?

BRIAN: Raul Jungmann.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Como é que era o nome de... 85, o ministro que ia fazer reforma agrária, que morreu lá em Carajá, no aeroporto de Carajá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Marcos (trecho incompreensível).

BRIAN: Aqui, tem um lugar aqui, se você morou no Pará, talvez deve ter ouvido falar alguma coisa dele, naquele negócio das minas de ouro lá, José Altino Machado. Ele, até hoje ele mexe com ouro lá. Teve um programa, Roda Vida, ele era do sindicato dos garimpeiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: 5 mil grileiros invadiram o território ali, não lembro de qual país, que ele tava comandando o pessoalmente (trecho incompreensível) teve problema com uns índios na fronteira, lá.

BRIAN: Uns trem assim! Até hoje ele mexe lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele deu entrevista (trecho incompreensível) ele deu uma entrevista sobre isso gabando (trecho incompreensível) “eu liderei um exército de 5 mil grileiros”

BRIAN: Ele é o dono, ele é o administrador da (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele invadia terra de Yanomami, na Amazônia. Ele era presidente nacional do Sindicato dos Garimpeiros.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Chamava delegado o cargo, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Isso, delegado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Delegado geral e não sei o quê.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Grileiro, assim, invadiram terra do território dos índios para. Quase provocam guerra com outro país, né. Eles invadiram terra (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sabe de quem nós compramos (trecho incompreensível) aqui em Valadares quando nós viemos? (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Eu vi. Tem um documentário na assembleia que ele fala que esse fato não existiu.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi devolução não, né?

ENTREVISTADORA: É. Que não teve nada daquilo, não sabe do que o pessoal estava falando. Ele parece até meio...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Fala alto. Ele é assim mesmo né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Tem gente que... Eles contam. Onde eu vou tem caso: “Ah, não, desapareceu tal pessoa, desapareceu não sei quem” (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O Gemil era prefeito de qual cidade, Gilson?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Central de Minas. (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E aí ele, primeiro ele (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Foi ele?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele que tava comandando (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível) jogando bomba no acampamento (trecho incompreensível) Que as bombas que ele tava jogando, a velocidade, não dava para sair da frente (trecho incompreensível)

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: (trecho incompreensível) do acampamento na beira da estrada (trecho incompreensível) Janilber?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (Trecho incompreensível) jogando bomba.

ENTREVISTADORA: Particular?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, uai!

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tava atirando de baixo para cima (trecho incompreensível)

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tinha um parque perto da casa da minha mãe, que...